

Núcleo de Catequese Paulinas – Nucap

# INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

BATISMO DE CRIANÇAS

*Livro do Catequista*

Edição revista conforme o Documento n. 107 da CNBB,  
*Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*





Promover a pastoral do Batismo quer dizer  
promover a verdadeira construção da comunidade.

É no interior de uma pastoral com sentido  
– missionária, litúrgica, educadora –  
que se instala e pode progredir a pastoral concreta  
em torno do sacramento da fé.

Essa afirmação não quer dizer que não se possa fazer nada  
até que se tenha “construído a comunidade”.

Isso é absolutamente um equívoco.

A Igreja não está nunca construída completamente,  
e é o Senhor quem a constrói na realidade.

A nós cabe trabalhar com responsabilidade, com zelo e  
com espírito de serviço, naquelas tarefas que o Senhor  
mesmo nos confiou. E estas têm sido:  
pregai, batizai, conduzi os homens e mulheres  
à luz da Palavra de Deus.

*Dom Pere Tena*



A catequese não prepara simplesmente  
para este ou aquele sacramento.  
O sacramento é uma consequência de uma adesão  
à proposta do Reino, vivida na Igreja.  
Nosso processo de crescimento da fé é permanente;  
os sacramentos alimentam esse processo  
e têm consequências na vida.  
*Diretório nacional de catequese, n. 50*



# Sumário

<b>Introdução</b> .....	11
<b>Parte I – Ampliação dos horizontes</b> .....	15
1º capítulo – A história do Batismo no Brasil.....	17
2º capítulo – A pastoral do Batismo.....	25
3º capítulo – A família.....	35
4º capítulo – O acolhimento na fé.....	47
<b>Parte II – Temas para os encontros</b> .....	57
5º capítulo – O querigma .....	59
6º capítulo – A celebração do Batismo .....	71
7º capítulo – A celebração da água viva .....	81
8º capítulo – Os efeitos do Batismo.....	93
9º capítulo – A comunidade cristã .....	109
<b>Parte III – Subsídio e anexo</b> .....	119
Subsídio – Rito para o Batismo de várias crianças.....	121
Anexo – Batismo nas Igrejas cristãs.....	129
<b>Bibliografia</b> .....	133





# Introdução

Batismo, Confirmação e Eucaristia são três momentos sacramentais da inserção e configuração do ser humano em Cristo e, por consequência, na comunhão de seu corpo, a Igreja. Esses sacramentos têm razão de ser em um caminho de fé e de conversão, que no conjunto chamamos de “iniciação à vida cristã”. Há que conceber essa iniciação não como uma catequese fragmentada que entenda a esses três sacramentos separadamente, com efeitos diversos e sem ligação entre si. O grande “sacramento de iniciação à cristã” constitui uma unidade e requer um processo experiencial e progressivo de amadurecimento da fé.

Atualmente, a pastoral do Batismo de crianças compreende seus agentes como verdadeiros *catequistas da família*, participantes de um único processo de educação da fé. Daí a importância de estabelecer a estreita relação que existe entre as pastorais desses três sacramentos em um real itinerário de educação da fé. Eis a grande e urgente tarefa da paróquia: repensar conjuntamente os tempos da iniciação cristã em um só processo de evangelização que também contemple as famílias.

A pastoral do Batismo de crianças visa reanimar a chama da fé dos pais e padrinhos, isto é, cativá-los para retomarem a vida cristã e levarem a sério a participação na vida comunitária, particularmente nas celebrações dominicais. Somente assim poderão cumprir a bela missão que a Igreja lhes confere como condição para aceitar o pedido de Batismo para seus filhos: a educação da fé da criança.

Motivados pelo sacramento que acreditam ser um dom de Deus na vida do recém-nascido, pais e padrinhos têm a oportunidade de ser acolhidos na comunidade, ouvirem o querigma (a mensagem) e sentirem o testemunho sincero dos catequistas do

Batismo. Quem sabe a partir dessa primeira aproximação não poderá resultar um interesse maior pela vivência da fé em comunidade, um modo menos individualista e subjetivo de perceber a fé.

A iniciação de crianças põe-se como ocasião oportuna para a paróquia rever a iniciação dos pais e propor, corajosamente, o catecumenato pós-batismal para aqueles que não participam da comunidade nem receberam os sacramentos da Confirmação e/ou da Eucaristia. Assim, a atenção se volta das crianças para os adultos e, em particular, para a família.

Este subsídio se divide em três partes. A Parte I – *Ampliação dos horizontes* – visa alargar a compreensão do sacramento na pastoral e compõe-se de quatro capítulos:

1º *A história do Batismo no Brasil*: explicita amplamente as consequências da motivação popular ao solicitar o Batismo.

2º *A pastoral do Batismo*: contextualiza este sacramento na pastoral da iniciação cristã segundo as recentes orientações da Igreja e oferece orientações práticas para a formação da equipe, métodos etc.

3º *A família*: chama a atenção para uma compreensão mais ampla das famílias, sem levantar preconceitos e assegurando o compromisso de educação da fé da criança.

4º *O acolhimento na fé*: motiva a prática da acolhida da família como primeira condição para acontecer o anúncio.

A Parte II – *Temas para os encontros* – visa diretamente refletir os temas a serem tratados na catequese dos pais. São mais cinco capítulos:

5º *O querigma*: traça as linhas do primeiro anúncio de conversão diante da Boa-Nova do Reino inaugurado por Cristo.

6º *A celebração do Batismo*: apresenta os ritos e os símbolos da liturgia batismal visando a uma participação ativa, consciente e frutuosa.

7º *A celebração da água viva*: sugere uma celebração com a finalidade de sensibilizar o grupo em torno do gesto principal do Batismo: o banho d'água.

8º *Os efeitos do Batismo*: apresenta os compromissos de vida nova que o Batismo gera.

9º *A comunidade cristã*: trata da apresentação, acolhida e participação dos pais e padrinhos na comunidade eclesial.

A Parte III – *Subsídio e anexo* – tem dois capítulos:

- *Subsídio – Rito para o Batismo de várias crianças*: traz o roteiro da celebração do Batismo.
- *Anexo – Batismo nas Igrejas cristãs*: apresenta a relação da validade dos Batismos realizados em outras Igrejas cristãs.

Este subsídio do catequista contempla as seguintes modalidades: a reunião geral dos pais e padrinhos na paróquia ou comunidade, ou a reunião dos agentes na casa dos pais. Outras paróquias adotam as duas coisas. Em vista disso, preparamos dois subsídios próprios para pais e padrinhos:

- 1) em forma de palestra, esse subsídio segue mais de perto os temas da segunda parte deste livro;<sup>1</sup>
- 2) o outro se situa numa paróquia que adota a visita domiciliar na pastoral do Batismo; a família inscreve a criança e fica aguardando a visita dos agentes em casa. Tais visitas contemplam um momento de oração, reflexão da Palavra e de diálogo acolhedor.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> NUCAP. *Iniciação à vida cristã*: Batismo de crianças – Pais e Padrinhos. São Paulo: Paulinas, 2008.

<sup>2</sup> NUCAP. *Iniciação à vida cristã*: catequese familiar do Batismo. São Paulo: Paulinas, 2016.



PARTE I  
AMPLIAÇÃO  
DOS  
HORIZONTES



# A história do Batismo no Brasil

A pastoral do Batismo de crianças costuma trazer muitas perguntas para a comunidade cristã. De um lado os agentes desanimam ao constatar a pouca evangelização, a superficial vivência comunitária e os fracos motivos daqueles que pedem o Batismo para as crianças. Porém, o fato de o povo solicitar o Batismo com tamanho empenho indica que tal situação tem raízes profundas e antigas que formam as bases de sua piedade.

Este capítulo contextualiza historicamente o Batismo desde o período do Brasil colônia e alarga e fundamenta a visão desse sacramento em nossa Igreja para nos ajudar a compreender melhor a motivação que ele desperta no povo.<sup>1</sup>

## DESDE O TEMPO DA COLÔNIA

A história dos sacramentos da iniciação cristã no Brasil inscreve-se na intrincada união da Igreja com o império colonial, com as inevitáveis contradições do processo histórico da exploração da colônia. Faz-se necessário compreender como o Batismo, sacramento da fé, foi transplantado da Europa para o Brasil nessa época e como evoluiu até nossos dias. A recepção do Batismo católico, transmitido pela fé medieval popular europeia, recebe influência do povo indígena e do povo negro. A piedade popular é considerada uma primeira síntese desse encontro, atribui um vivo sentido aos sacramentos e cria uma série de sacramentais ao seu redor.

---

<sup>1</sup> Os temas deste capítulo foram adaptados de: LELO, A. F. A iniciação cristã no Brasil. *Revista de Catequese*, ano 27, n. 107, pp. 5-18, jul./set. 2004.

No período colonial e imperial, por quase quatro séculos, a fé católica foi mantida como religião oficial do Estado. Nessa época, o Batismo esteve ligado, de alguma forma, ao aniquilamento e à conversão das nações indígenas em mão de obra a serviço da metrópole, como também ao tráfico de cerca de cinco milhões de escravos negros.<sup>2</sup> Esses dados levam o historiador Hoornaert a concluir: “Conhecer a história do Batismo no Brasil é reconhecer a sua relação com a pacificação, redução, escravidão, a partir da instituição eclesiástica”.<sup>3</sup> Na mentalidade colonial brasileira, a identificação entre Batismo e escravidão era de tal sorte aceita que a certidão de Batismo funcionava como certidão de captura, de domínio do branco sobre o indígena.<sup>4</sup>

O Batismo funcionava dentro do processo do “descimento” ou “redução” dos grupos indígenas de sua aldeia tradicional para o aldeamento cristão, com a finalidade de batizá-los e dar-lhes a conseqüente cristianização. Numerosos relatos jesuíticos falam do Batismo, sobretudo durante as epidemias que eram frequentes por ocasião do contato com os brancos. Em relação ao índio foram tomadas atitudes, algumas contra a escravização, outras aceitando a guerra justa, submetendo-os pela força à fé cristã.

A empresa colonial de desbravamento e exploração do novo mundo somente era possível com o braço escravo para o plantio, extração mineral e exportação.<sup>5</sup> O negro, “aliciado para incrementar a produção açucareira, comporia o contingente fundamental da mão de obra”.<sup>6</sup> Era crença comum que o maior bem que se poderia prestar aos escravos e indígenas era administrar-lhes o Batismo: “Que nenhum escravo seja embarcado sem ter sido batizado cuidadosamente, a fim de que nenhum deles morra sem

---

<sup>2</sup> Cf. RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 228.

<sup>3</sup> HOORNAERT, E. A cristandade durante a primeira época colonial. In: VV.AA. Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina: história geral da Igreja na América Latina. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Petrópolis: Vozes, 1992. t. II/1, p. 306.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 304.

<sup>5</sup> Cf. HOORNAERT, E. A evangelização do Brasil durante a primeira época colonial. In: VV.AA. *História da Igreja no Brasil*, p. 59.

<sup>6</sup> RIBEIRO, *O povo brasileiro*, p. 114.



ter recebido este sacramento, sendo isto o maior serviço que podem prestar à glória de Deus todas as pessoas que trabalham no comércio dos escravos”.<sup>7</sup>

A certidão de Batismo tinha os efeitos civis que comprovavam a posse do escravo pelo senhor. Beozzo apresenta o termo de transcrição extraído do livro de registro de Batismo reservado para os escravos. O direito de propriedade do senhor era pleno e ilimitado, e ele o exercia desde o nascimento do escravo.<sup>8</sup> Hoornaert assim escreve: “Quanto aos africanos, existia uma ordem régia emanada de Dom João III [...]: os escravos de Angola tinham que ser marcados no peito, a ferro em brasa, com o selo real: coroa ou cruz, como prova de que o imposto real sobre cada ‘peça’ tinha sido pago. Ora, essa marca funcionava também como certificado de Batismo, o que significa que houve Batismo em grupo, já em Angola, antes do embarque nos navios negreiros. Dom João VI, ainda em 1813, mandou substituir essa marca de ferro em brasa no peito por uma argola pendurada ao pescoço do escravo, a qual tinha o mesmo significado. Para os africanos não provenientes de Angola havia um prazo de um ano no máximo para instrução prévia ao Batismo, pelo menos em teoria, o que explica que muitos africanos chegaram aos engenhos ainda não batizados. Mas a administração colonial considerava essa situação irregular, de sorte que publicou em 1756 uma lei obrigando os navios negreiros a terem capelão a bordo para batizar e instruir na fé”.<sup>9</sup>

Uma vez que os africanos estavam engajados como escravos nos engenhos ou nas fazendas, o Batismo se colocava como uma questão de sobrevivência: quem não era batizado simplesmente não era considerado “gente”. Os viajantes do Brasil antigo, como Koster, Tollenare e outros, relatam o contraste, neste ponto, entre os indígenas e os africanos, sendo que aqueles só aceitaram o Batismo com dificuldade, só para receber presentes, enquanto os

---

<sup>7</sup> VERGER, P. *Flux et reflux de la traite des nègres entre le golfe de Bénin et Bahia de todos os Santos*. Paris: Mouton, 1968, citado por: HOORNAERT, A. *Cristandade durante a primeira época colonial*, p. 303.

<sup>8</sup> Cf. BEOZZO, J. O. A Igreja na crise final do Império (1875-1888). In: VV.AA. *História da Igreja no Brasil*, t. II/2, p. 273.

<sup>9</sup> HOORNAERT, A. *Cristandade durante a primeira época colonial*, pp. 302-303.

africanos desejavam o Batismo porque lhes dava uma posição na sociedade brasileira. Frequentemente, sobretudo na segunda parte do século 19, procedia-se à “alforria na pia”, isto é, o afilhado negro ganhava do senhor sua liberdade ao receber o Batismo, pois sua mãe escrava era também a ama de leite que ficava morando no engenho e, por conseguinte, a criança também, resultando em sua permanência por toda a vida na mesma família.<sup>10</sup>

O primeiro livro das *Constituições do Arcebispado da Bahia*,<sup>11</sup> sediado na cidade de Salvador, sede primaz do Brasil e centro mais desenvolvido da colônia, é inteiramente dedicado aos problemas da administração dos sacramentos. Dez títulos tratam do Batismo, dois da Confirmação, nove da Eucaristia, além dos demais sacramentos. Havia um catecismo abreviado adaptado com seis perguntas aos escravos chamados “rudes”, e havia exceção para os “brutos ou boçais” que não sabiam nada da língua portuguesa. As prescrições urgiam o Batismo de escravos por seus senhores, o mais rapidamente possível, e desde que estes estivessem iniciados nesses poucos rudimentos da fé.<sup>12</sup>

A Igreja acaba confiando praticamente a catequese do negro ao próprio senhor de escravos. A este ela pedirá que suavize a dura condição do escravo, e o nomeia responsável perante Deus de seu destino religioso; do escravo se pedirá obediência e subserviência ao seu legítimo dono.<sup>13</sup> Beozzo comenta que não houve para os escravos no Brasil nada que se assemelhasse ao esforço dos jesuítas na catequese do índio. Não se tem notícia de catecismos na língua das diversas nações africanas.<sup>14</sup> Os bispos da América Latina e Caribe reunidos em Santo Domingo, por ocasião dos 500 anos do encontro das duas culturas e da chegada da fé neste continente,

---

<sup>10</sup> Cf. *ibid.*, p. 306.

<sup>11</sup> MONTEIRO DA VIDE, S. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, 1707*. 2. ed. São Paulo: Tipografia Dois de Dezembro, 1853.

<sup>12</sup> Cf. BEOZZO, A Igreja na crise final do Império (1875-1888), pp. 255-308.

<sup>13</sup> Cf. *ibid.*, p. 264.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 263. Hoornaert é do mesmo parecer: “A catequese se dirige muito mais aos indígenas do que aos africanos, embora estes sejam mais numerosos [...]. Os primeiros catecismos para os indígenas já foram elaborados no século 16, e constantemente atualizados e melhorados, enquanto temos que esperar até o ano 1697 para ver publicada a primeira ‘arte da língua de Angola’, da autoria do Padre Pedro Dias” (HOORNAERT, A evangelização do Brasil durante a primeira época colonial, p. 119).

pedem perdão e reconhecem com pesar: “Um dos episódios mais tristes da história latino-americana e caribenha foi o traslado forçado, como escravos, de um enorme número de africanos”.<sup>15</sup>

## AS RAÍZES POPULARES DO BATISMO

O desenvolvimento da iniciação na Igreja do Brasil foi condicionado pela profunda espiritualidade religiosa dos indígenas e dos africanos. Devemos acrescentar, ainda, a religiosidade cristã sobre o Batismo tido como meio necessário para a salvação trazida pelas sucessivas correntes migratórias dos europeus. Esses elementos associados formaram a base da expressão religiosa cristã do país, que, de maneira consciente ou inconsciente, impele as pessoas a pedirem o Batismo para seus filhos com as mais variadas razões.<sup>16</sup>

O dado fundamental refere-se à conservação da vida diante das forças da morte. A migração massiva nas grandes cidades gera uma espiral de violência, as vastas favelas, o analfabetismo e o desemprego. As famílias terão de lutar contra as enfermidades, a desnutrição e as mínimas condições de vida. O Batismo torna-se um ritual de proteção, devido à fragilidade do recém-nascido, por causa da pobreza e da crença em uma religião de cura. Batizar significa pôr-se nas mãos de Deus, receber o estatuto de ser humano, de ser filho de Deus. O Batismo confere dignidade a todas as crianças, sem distinção. O inverso dessa realidade é nefasto, pois “ter um pagão em casa atrai má sorte”; há que viver como Deus quis que vivêssemos: livres da condenação e do castigo.

Durante a gravidez, os pais, e de modo especial a mãe, experimentam a vida como sagrada, como dom de Deus. O parto aumenta ainda mais a gratidão e a alegria dos pais. O nascimento de cada criança é um sinal da vontade de Deus. Deus é sentido na gestação e no parto como doador da vida. O Batismo é o

---

<sup>15</sup> IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, *Santo Domingo*, n. 20.

<sup>16</sup> A CNBB já apontava, em 1973, algumas razões que levavam o povo a pedir o Batismo (cf. *Pastoral dos sacramentos da iniciação cristã*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1974. p. 1. [Documentos da CNBB, n. 2a]).

reconhecimento de que a criança foi dada por Deus, pertence a ele e só este pode cuidar dela, agora e sempre. O Batismo é uma consagração da criança.

É muito comum a crença no poder curativo do Batismo. Diante do recém-nascido doente, recorre-se a Deus não por luxo ou por simples devoção, senão porque de Deus se necessita para não morrer. A convicção de quem o busca resume-se nesta afirmação cheia de certeza: “Quando for batizado, ele ficará curado, livre da doença”. No fundo, o povo tem a percepção de que a vida é um dom de Deus, que deve ser acolhida, celebrada e defendida dos perigos. Trata-se de uma grande festa da família e da comunidade. Considera-se importante a bênção da Igreja e o derramamento de água sobre a cabeça da criança.<sup>17</sup>

Ao redor do Batismo, podemos identificar uma série de rituais populares: a água benta, os exorcismos, a devoção à Santa Cruz, a oração do Credo etc. O apreço pela água transforma-a em um sacramental popular de uso variado, o qual abarca exorcismos, bênçãos de pessoas. Popularmente significa proteção e vida nova, tem o poder de purificar dos pecados e de afastar o maligno. Conservá-la em casa traz proteção e bênção. Toda benzedeira não hesita em levá-la consigo.

O povo intui a grandeza do Batismo. Muitas vezes não sabe levar a termo a vivência do sacramento, mas o valoriza muito, a ponto de enfrentar a resistência dos agentes ao ser questionado por seu comprometimento cristão.

A piedade popular “traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar; ela torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até o heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; ela comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante etc. Ela, depois, suscita atitudes interiores que raramente se observam alhures no mesmo grau: paciência,

---

<sup>17</sup> Cf. CODINA, V.; IRARRAZAVAL, D. *Sacramentos de iniciação: água e espírito de liberdade*. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 46. (Teologia e Libertação, s. IV, t. VI: A Igreja, sacramento da libertação).

sentido da cruz na vida cotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção etc.”<sup>18</sup>

Para conhecer a riqueza da piedade popular, será necessário considerar o que o Papa Francisco alerta: “O pregador também precisa ouvir o povo, para descobrir o que os fiéis necessitam escutar. Um pregador é um contemplativo da Palavra e também um contemplativo do povo”.<sup>19</sup> Ou seja, um ouvido no povo e outro no Evangelho.

Portanto, pode-se partir da sensibilidade de fé, da abertura religiosa, naturalmente presente nas pessoas, ou dos acontecimentos e situações que as envolvem, e daí as ajudar a sentir a presença e ação salvadoras de Deus no Batismo. Valorizemos os elementos que formam e caracterizam a piedade de nosso povo!

A catequese partirá das inquietações e devoções das famílias para amadurecer sua fé no horizonte da doação e da identificação com Cristo, sem se apoiar nas contundentes promessas da teologia da prosperidade. “A educação na fé supõe [...] discernimento na busca de Deus, [...] e condução de todas as nossas devoções e práticas religiosas ao Mistério Pascal.”<sup>20</sup>

A equipe dos agentes se sentirá recompensada por ter um público que valorize e busque o sacramento e, muitas vezes, escute pela primeira vez o anúncio libertador de Jesus Cristo, tendo contato inicial com a comunidade, depois de ter-se deparado com tantos preconceitos e caricaturas relacionados a ela.

### **ALGUMAS DICAS PARA A EQUIPE**

Os dados históricos nos ajudam a entender melhor por que as pessoas pedem o Batismo para seus filhos, mesmo sem uma motivação de fé adequada. O Batismo tornou-se sinal de reconhecimento público na sociedade, visto que era celebrado numa

---

<sup>18</sup> PAULO VI. Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 2015. n. 48.

<sup>19</sup> FRANCISCO. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013. n. 154.

<sup>20</sup> CNBB. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília: Edições CNBB, 2017. n. 151. (Documentos da CNBB 107).

sociedade uniformemente cristã, onde só era possível ser cristão. Conferia o estatuto de ser humano para aqueles que eram desrespeitados em sua dignidade.

Por isso, não devemos ser tão apressados em avaliar as motivações dos pais ao pedirem o Batismo para seus filhos. O catequista pode medir o que representa socialmente ser batizado na Igreja. A motivação aparentemente social traz um lastro histórico bastante profundo e com muitas consequências ainda hoje.

Outro dado importante: o Batismo é concebido como um dom de Deus na vida humana. O povo é o primeiro a reconhecer esse valor e a buscá-lo para si. Sendo assim, negar o Batismo passa a ser coisa gravíssima, a ponto de se receber ameaças de morte.

A nova sensibilidade religiosa questiona o Batismo de crianças quanto à definição da identidade do cristão na sociedade e seu sentido de pertença a uma comunidade de fé. Ela também estimula a cuidar mais da beleza da celebração com cantos mais expressivos do gosto popular, com manifestação pública de testemunhos de conversões, de curas e de vivência do Evangelho. Ressalta a dimensão pessoal da fé e da oração, e oferece a certeza da salvação e a providência de Deus na vida de cada um.